[NOTAS]



OTHERTHINK

em seis estados do Sudoeste americano – Arizona, Califórnia, Colorado, Nevada, Novo México e Utah. No total, são cerca de 285 mil hectares em áreas caracterizadas por boa oferta de luz do sol e potencial de transmissão de energia para longe. Outros 19 milhões de hectares foram identificados em áreas "variadas", ou seja, fora das 17 zonas. Somando todas as áreas, o potencial é de produzir 23.700 megawatts, suficiente para abastecer 7 milhões de residências. **(TH)**

[ENERGIA SOLAR II]

VOO AÉREO RECORDE

Depois de 6 mil quilômetros, 4 países e 2 continentes e 2 meses, completou-se a primeira missão intercontinental do avião Solar Impulse. Essa foi a mais longa viagem de uma aeronave movida à luz do sol.

O projeto do Solar Impulse foi idealizado em 2003, em uma parceria entre a empresa suíça Schindler e um grupo de pesquisadores do grupo Solvay, da Bélgica. Anos de estudo foram necessários até a primeira decolagem. Os fundadores do projeto, Bertrand Piccard e André Borschberg, são também os pilotos.

Os 6 mil quilômetros foram divididos em etapas de 800 quilômetros cada. Em 24 de maio, o avião partiu do aeroporto de Payerne, na Suíça, para Rabat, capital do Marrocos. No país africano, fez escala também na cidade de Quarzazate. Depois foi a Madri e retornou a Toulouse. A velocidade média do avião durante a viagem foi de 46 km/h e, mesmo sendo movido pela luz do sol, fez voos noturnos com sucesso – ele conta com 12 mil células fotovoltaicas e quatro motores elétricos. Sua estrutura foi feita com fibras de carbono, que garantem também maior leveza. **(TH)**

[TECNOLOGIA]

GEOENGENHARIA MAPEADA

A geoengenharia, ou manipulação do clima por meio da tecnologia, é vista por alguns como solução para a mudança climática. Propostas de projetos de grande escala ocasionalmente são ventilados na mídia. Embora nenhum desses tenha saído do papel, tentativas locais de alterar o clima ocorrem há pelo menos 50 anos em várias partes do mundo. Um mapa da geoengenharia publicado pelo ETC Group, um grupo global de ação que monitora os impactos da tecnologia, identifica 300 projetos ou experimentos em andamento e 10 tipos de tecnologias diferentes. O mapa vem acompanhado de tabelas contendo detalhes dos projetos e todos os materiais estão disponíveis on-line (goo.gl/du7Dn)

Pouco se sabe sobre os efeitos colaterais de, por exemplo, usar substâncias químicas para refletir a luz do sol, como propõem pesquisadores da Universidade Harvard. Mas, diante da improbabilidade de um acordo global para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, a geoengenharia pode vir a ser considerada uma opção em um planeta cada vez mais quente. "A geoengenharia é um torniquete, uma medida desesperada para parar de sangrar quando nada mais funcionar a tempo", diz o futurista Jamais Cascio. – **POR FLAVIA PARDINI**

[PUBLICAÇÃO]

UM PONTO DE MAR SEM FIM

A fotojornalista Nicia Guerriero esteve 16 vezes no arquipélago de Fernando de Noronha.



Tantas idas e vindas só poderia ter resultado em um livro, que acaba de ser lançado em São Paulo.

Batizado de *Oceânica Noronha*, a proposta da obra é traduzir em linguagem acessível para todas as idades informações científicas de um dos lugares mais bonitos do mundo, como a história geológica do arquipélago (único território vulcânico brasileiro ocupado por uma cidade), o comportamento do mar e do clima, a flora e a fauna com espécies exclusivas criadas pelo isolamento e a história da ocupação humana.

Fruto da reedição de *Ilhas Oceânicas Fernando de Noronha* publicado em 2002, *Oceânica Noronha*, apresenta texto e fotos inéditas que incentiva o turismo socioambiental e o resgate da cultura caiçara.

A familiaridade de Nicia Guerriero com o mar e seus mistérios não é recente. Há 25 anos a fotógrafa reside em Boiçucanga, litoral de São Paulo, onde busca inspiração para seu trabalho. Antes de *Oceânica Noronha*, realizou quatro outras publicações sobre Fernando de Noronha, além de três livros sobre o Litoral Norte paulista, *Carapirás – Entendendo o peixe de Boiçucanga*, *Costa Sul do Litoral Norte* e *Praias na Serra do Mar*. **– POR LETICIA FREIRE**



NICIA GUERRIERO

OLHA ISSO!

POR FABIO F. STORINO

MAIS É MENOS



THIAGO NORONHA

"Escolha é liberdade", diz o adágio. Quanto mais opções de escolha tivermos, portanto, melhor. Esta é uma noção que está culturalmente soldada em nossos cérebros. Sendo assim, o supermercado que o psicólogo americano Barry Schwartz frequenta pode ser considerado um bastião da liberdade: em suas gôndolas ele contou 175 tipos de molho de salada, 285 variedades de *cookies*, e 230 de sopas.

Em *The Paradox of Choice: Why More is Less*, Schwartz argumenta que, a despeito de todas as vantagens já conhecidas pela civilização moderna, esse "excesso de opções" também traz dois grandes problemas: paralisia e insatisfação (*ver seu TEDTalk em* goo.gl/rQkZG).

Diante de um grande número de opções apresentadas, nosso cérebro acaba preferindo postergar a decisão. Quando finalmente o fazemos, somos tomados por um profundo sentimento de frustração: será que eu deveria ter escolhido aquele outro? É o que os economistas chamam de "custo de oportunidade", que aumenta quanto mais opções nos são apresentadas. (*mais na edição 40, dedicada ao tema da "escolha":* goo.gl/URYrB)

Tal frustração, argumenta Schwartz, também é causada pelo aumento de expectativas. Como bem observou o comediante Louis CK: "Hoje em dia tudo é maravilhoso, mas ninguém está feliz!" (goo.gl/fumGP)

Sheena Iyengar, professora de negócios da Universidade Columbia e autora de *The Art of Choosing*, também se deparou com um supermercado repleto de escolhas e consequente paralisia decisória. E propôs ao gerente um experimento: em vez dos 348 diferentes tipos de geleia lá vendidos, um estande ofereceria ora 6 ora 24 tipos diferentes de geleia para degustação dos compradores. Resultado: se, por um lado, o estande com 24 opções seduziu 50% mais degustadores, aqueles que puderam provar apenas 6 sabores acabaram comprando seis vezes mais geleia! Entre os ingredientes de sua receita para uma melhor "arquitetura de escolha", portanto, está "reduzir opções" (*ver seu TEDTalk em* goo.gl/LYYNy).

No mundo dos eletrônicos dispomos hoje de milhares de combinações possíveis e disponíveis na hora de comprar um computador – quanto de memória? qual processador? tamanho da tela? cor? A Apple subverteu a lógica da abundância de escolhas ao oferecer apenas um punhado delas a cada nova geração de seus produtos, facilitando a escolha e aumentando a satisfação com a opção escolhida. Inovou, aliás, no próprio conceito de "geração": o proprietário de um Sony VAIO VPCZ128GX sente-se muito menos compelido a comprar o modelo VPCZ13EGX/B do que um proprietário do iPad 2 a atualizar para o "novo iPad" (a obsolescência programada pode começar pelo próprio nome, portanto).

Já se falou aqui nesta revista em dar um "empurrãozinho" (*nudge*, em inglês) para que o consumidor faça melhores escolhas (goo.gl/rNX2J). Trata-se da chamada "arquitetura de escolha", o conceito segundo o qual nossas decisões são afetadas pela maneira pela qual as escolhas nos são apresentadas. Um dos pioneiros da arquitetura moderna, o teuto-americano Ludwig Mies van der Rohe cunhou há um século a expressão "menos é mais". Décadas depois um engenheiro americano desenvolveria o princípio KISS: "*Keep it simple, stupid!*"

* **FABIO F. STORINO É COORDENADOR DE TI E GESTÃO DO CONHECIMENTO DO CENTRO DE ESTUDOS EM SUSTENTABILIDADE (GVCES).**